

Como Villa-Lobos se tornou 'brasileiro'

Livro do pesquisador Paulo Guérios analisa a obra do compositor a partir da sua relação com a sociedade em que viveu e mostra como o autor das 'Bachianas' atuou na construção de sua própria imagem

JOÃO LUIZ SAMPAIO

Década de 1910, um jovem, pouco mais de 20 anos, desce solitário o Rio Amazonas em uma canoa, coletando de populações ribeirinhas os sons que mais tarde seriam a base de parte de uma das maiores obras da história da música brasileira. Anos depois, o compositor já consagrado diz à soprano na estreia de nova obra em Paris que sua mulher é natural da tribo de onde muitos dos sons utilizados na peça vieram. Outra versão: o músico se ofende ao perceber: é o "exótico" de sua condição – um autor brasileiro, "primitivo" – que interessa aos críticos europeus. São muitas as histórias em torno do nome de Heitor Villa-Lobos, o mais falado e discutido compositor brasileiro de todos os tempos. Mas onde, nesse anedotário, está a verdade? E qual o papel que histórias como essas tiveram na construção da imagem atual do compositor e de sua obra?

Essas perguntas estão no centro de *Heitor Villa-Lobos: O Caminho Sinuoso da Predestinação*, dissertação de mestrado do pesquisador paranaense Paulo Renato Guérios agora publicada em livro pela Fundação Getúlio Vargas do Rio (270 págs., R\$ 38). Não se pode dizer que a música de Villa-Lobos esteja amplamente difundida no Brasil: quem tiver interesse em gravações de suas sinfonias, por exemplo, precisa ir atrás de registros feitos por selos como o Naxos ou o Marco Polo com orquestras do Leste Europeu na década de 90. Nenhum outro compositor brasileiro, no entanto, foi tema de tantas biografias e estudos. A consagração no exterior, a equiparação a Stravinski, o imaginário criado em torno de propaladas aventuras do compositor pelo interior do País, na juventude, para mais tarde usar o material colhido na criação de uma escola nacional de fazer música – não são poucas as razões que explicam a atração pelo seu nome. Tudo acabou criando uma espécie de relação simbiótica entre o compositor e seu público.

Mais do que apenas analisar o folclore em torno da figura de Villa-Lobos, o autor quer discutir o papel do próprio compositor na criação dessas histórias que ainda hoje definem seu lugar no cânone da música brasileira. Guérios tem como aparato teórico pressuposto do sociólogo Norbert Elias segundo o qual "os indivíduos estão sempre ligados a redes de relações, o que implica a regulação social de suas trajetórias". E a intenção do livro, portanto, é analisar a vida de Villa-Lobos, a obra produzida e o modo como tentou defini-la, a partir do contexto de sua vida, das pessoas que conheceu. "Todos nós incorporamos em nossa personalidade aquilo que os outros indicam que somos. Villa-Lobos trabalhava nesse sentido, criando histórias acerca de si mesmo e fazendo esforços para emparelhar-se ao mito que ele próprio ajudou a construir."

Que conclusões podem ser tiradas a partir dessa perspectiva? "As relações estabelecidas entre Villa-Lobos e as pessoas que o cercavam ajudam a explicar o porquê, por exemplo, de ele ter composto determinada obra em determinada época, e mesmo o porquê de ele ter se decidido a compor música brasileira", explica Guérios. "Villa-Lobos utilizava elementos estéticos de Debussy em suas composições do final da década de 1910 porque seus pares no Rio de Janeiro davam a esses elementos um valor de vanguarda e ousadia. Já ao chegar a Paris em 1923, Villa-Lobos descobriu rapidamente que ali Debussy pertencia ao passado, e que suas obras não seriam ouvidas se ele continuasse a compor assim. Os artistas e críticos musicais parisienses lhe indicaram outro caminho: eles queriam ouvir música 'brasileira', o que era sinônimo de música



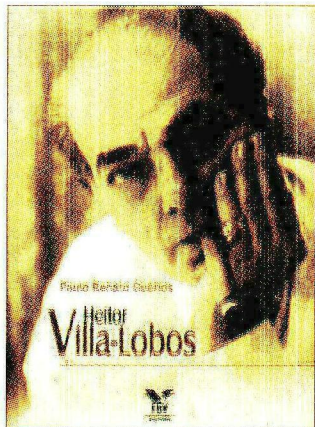
ca 'primitiva', 'selvagem', 'exótica'. E a estética de Igor Stravinski, intensamente apreciada em Paris, servia como uma luva para esse projeto", diz o autor.

"Assim, Villa-Lobos converteu-se em um músico 'brasileiro' em Paris, de acordo com a imagem de Brasil que o espelho parisiense lhe mostrava. É isso que entendemos melhor quando enfocamos as relações do compositor com quem o rodeava a cada momento de sua vida. Villa-Lobos não é um compositor brasileiro apenas porque nasceu no Brasil e tem um 'essência' brasileira, mas sim porque em sua trajetória de vida houve um momento em que o projeto de compor essa música brasileira 'exótica' e 'selvagem' passou a fazer sentido."

A intenção do livro, porém, não é desmerecer Villa-Lobos, diminuir a importância de sua obra no contexto da vida musical do País ou mesmo como manifestação importante dentro do panorama da composição mundial na primeira metade do século 20. De

acordo com as indicações de Guérios, no momento em que se quebra parte dos mitos, descobre-se, mais do que o músico genial, uma personalidade bastante sensível ao contexto da época e ao lugar a ser ocupado por ele.

O autor parte em busca de documentação para corrigir inexatidões nos estudos relativos à sua vida e obra. Comparando trechos de biografias, mostra, por exemplo, como ao longo dos anos algumas mesmas histórias foram se transformando e revalidando até se tornarem "verdades". "Mesmo antes de sua morte, Villa-Lobos já tinha se tornado um personagem, e sua história passou a ser construída coletivamente por um público ansioso em saber mais sobre ele", diz Guérios, que vai à fonte original de grande parte desses folclores, a biografia escrita na década de 40 por Vasco Mariz, com depoimentos do próprio Villa-Lobos às voltas com um passado que sentia necessidade de recriar (o livro está em sua 11.ª edição e já foi publicado em diversos países, inclusive na Rússia, em uma tradução pirata).



rios, que vai à fonte original de grande parte desses folclores, a biografia escrita na década de 40 por Vasco Mariz, com depoimentos do próprio Villa-Lobos às voltas com um passado que sentia necessidade de recriar (o livro está em sua 11.ª edição e já foi publicado em diversos países, inclusive na Rússia, em uma tradução pirata).

"O livro de Mariz surge como um elemento a mais na construção da imagem de Villa-Lobos e de uma posição social que, longe de existir por si só, teve de ser produzida pelo compositor. Temos, assim, o privilégio de acompanhar, com a escrita dessa obra biográfica fundamental, uma etapa importante do surgimento de todo um cânone mitológico oficial em torno da figura de Heitor Villa-Lobos", escreve.

Viagens – Guérios também indica, no caminho já sugerido pela pesquisadora norte-americana Lisa Peppercorn em sua biografia do autor das *Bachianas*, que um olhar sobre o mapa da região Norte do Brasil basta para pôr em dúvida a possibilidade de, na década de 1910, um jovem percorrer sozinho em uma canoa rios como o Amazonas ou o Negro. E, pesquisando nos arquivos do Museu Villa-Lobos, no Rio, constata: "Além de um depoimento de Beatriz Roquette-Pinto, vários documentos do arquivo do Museu Villa-Lobos oferecem indicações que reforçam a hipótese de que as viagens do compositor em busca de material folclórico não ocorreram. Inúmeros programas referem-se às canções indígenas utilizadas por Villa-Lobos como tendo sido recolhidas por etnólogos e viajantes. (...) Não há, em contrapartida, referência a qualquer anotação

ou lembrança do compositor a respeito de canções que ele próprio teria recolhido, assim como não há material taquigráfico sobre tais canções em seus arquivos."

"O que ficou esquecido acerca de Villa-Lobos foi, na verdade, aquilo que as pessoas não fazem questão de ver: sua vida concreta", explica Guérios. "Os biógrafos de grandes artistas costumam selecionar na 'vida' de seus biografados elementos pontuais ou mesmo fantasiosos para justificar a existência de sua 'obra'. No caso de Villa-Lobos, temos o exemplo claro de suas viagens pela selva em meio aos índios. Esses relatos, no entanto, eram necessários para justificar a habilidade do compositor em produzir músicas que incorporam o universo indígena de modo tão eficaz", completa. Mas isso, segundo o pesquisador, acaba por deixar de lado perguntas realmente importantes, tais como: quem eram as pessoas que cercavam Villa-Lobos, como influenciaram sua obra ao falar e escrever sobre ele; como um menino pobre conseguiu impor sua música erudita quando ela era acessível apenas à conservadora elite do Rio da República Velha? Respostas a elas podem dar uma maior dimensão ao homem e artista chamado Villa-Lobos.

TRECHO

O fluxo intenso e contínuo de idéias presente em tudo o que Villa-Lobos produziu – sua história, seus escritos, suas músicas – nos dá uma pista importante acerca de sua existência. Apenas alguém capaz de permitir que as próprias fantasias fluíssem de forma tão livre e ao mesmo tempo tão compreensível para as outras pessoas seria capaz de produzir o que ele produziu. Villa-Lobos parecia viver efetivamente na temporalidade que emprestou a suas criações: uma temporalidade fragmentária, não-cronológica, submetida a seus desejos. A produção de Villa-Lobos (...) é a chave para falar da produção de si próprio que ele realizou. É portanto impossível divorciar o "homem" da "obra", e é enganador tratá-los em separado.

Villa-Lobos era uma dessas raras pessoas que erguem poucas barreiras entre seu fluxo de fantasia e o que produzem, tendo sido capaz de, nas palavras de Elias, "converter fantasias humanas em criações". Também essa capacidade o destacou entre seus pares e foi responsável pelo sucesso tão significativo por ele obtido. A criação que chamamos de artística não é tarefa fácil; para realizá-la é preciso ser capaz de refinar as emoções e dar-lhes uma forma determinada, comunicável às demais pessoas, e que transmita em uma linguagem específica todo um imaginário social, que desperte emoções. Esse tipo de criação (...) é a grande realização de Villa-Lobos.

E se suas criações mais brilhantes foram as musicais, em meio a elas ele criou também a si próprio, revelando aquela característica que constitui nossa força e nossa fragilidade: a capacidade humana de submergir em universos simbólicos, construindo sentidos e atribuindo significados a idéias e sentimentos que são alimentados e direcionados em nossa convivência com outras pessoas e que nos fundam ao longo de nossas trajetórias.